

JACOBINI, Maria Letícia de Paiva. *Metodologia do trabalho acadêmico*. Campinas: Alínea, 2003. 110 p.

Maria Letícia de Paiva Jacobini é um daqueles docentes de valor que labutam ocultos nas salas de aula da PUC-Campinas, para sorte de seus estudantes. Graduada em Ciências Sociais, especialista em Antropologia Social e mestra em Filosofia na área de Ética, burilou durante vinte anos sua experiência docente antes de publicar este, que é seu primeiro livro.

A impressão inicial que se tem diante de um novo livro de metodologia científica é quase sempre negativa: mais um livro sobre o assunto... O que pode trazer de novo? A maioria dos manuais desta área constitui-se de obras falsamente didáticas, pois costumam ser pouco aprofundadas, pouco abrangentes e mesmo pouco explicativas, assemelhando-se a esquemas de aulas que ainda carecem de longas explicações do professor para se tornarem efetivamente instrutivos.

É diferente o manual escrito pela profa. Maria Letícia. Conhecedora das dificuldades dos estudantes, ela escolhe um trajeto temático voltado a auxiliá-los nas primeiras séries da Universidade, que percorre os instrumentos de estudo e de coleta de dados bibliográficos, o projeto estruturador da pesquisa e o relatório, sob as formas de monografia ou de artigo científico.

Abrem seu trabalho algumas observações, infelizmente muito breves, sobre a historicidade do conhecimento científico, a necessidade de prévia aquisição dos conceitos e teorias científicas da área a que o estudante se dedica, a necessidade de inteirar-se dos problemas debatidos pela comunidade científica e sobre a indispensável autonomia intelectual, competências que habilitam o estudante a produzir e a comunicar conhecimentos.

Centrado na documentação que registra os resultados dos estudos, o segundo capítulo procura

tirar a limpo as noções de fichamento, resumo e resenha, tornadas confusas pelo uso impróprio destas palavras na vida universitária. Entende a autora que o fichamento é o instrumento, de estudo e de pesquisa, que compreende tanto o resumo como os comentários e críticas que o estudante faz ao texto, podendo-se acrescentar a estes a transcrição de seus excertos mais importantes e o registro das idéias despertadas pela leitura crítica. O resumo é discutido mais detidamente, seja enquanto novo texto que condensa um anterior, seja enquanto conjunto de operações lógicas que permitem efetivar a condensação das idéias do autor estudado. Os vícios lógicos que frequentemente desfiguram um resumo são também analisados. Diretrizes claras e observações argutas compõem o item sobre crítica e interpretação do texto resumido, operações que a autora considera indispensáveis para o amadurecimento intelectual do estudante. A resenha é apresentada como resumo crítico voltado à comunicação para o possível leitor.

Um terceiro capítulo introduz um tema capital para os propósitos da autora: o projeto de pesquisa. Esta palavra também tem sido corrompida pelo uso impróprio desde a escola fundamental, que a ensina como se fosse simples busca de informações na mídia e compilação de trechos. A importância do projeto de pesquisa está em suscitar no estudante universitário a percepção de que a pesquisa precisa ser feita segundo procedimentos e critérios científicos, a partir de uma pergunta precisa, tendo em vista resolver um problema relevante. Em seguida, a autora apresenta os elementos que compõem um projeto de pesquisa, bem como vários modelos de construção.

O quarto capítulo expõe, em seqüência detalhada, todos os componentes de uma monografia ou de um relatório de pesquisa, remetendo a dez

apêndices e um anexo, que exemplificam e esclarecem cada um desses componentes. Finalmente, um último capítulo é dedicado ao artigo científico e às suas especificidades.

Merece menção o modo como é tratado o conteúdo. Como a ABNT normatiza numerosos aspectos do trabalho acadêmico, especialmente os relacionados à estruturação das partes e à referenciação das informações utilizadas, boa parte do texto dos manuais de metodologia é dedicada à exposição facilitadora do conteúdo dessas normas. A prof^a. Maria Letícia o faz com muita precisão, numa linguagem algo áspera, mas acrescenta a estes conteúdos contribuições de autores consagrados na área, como Severino e Köche, além de sua própria experiência docente. Resultam dessa elaboração diretrizes claras que ora acompanham as normas ABNT, ora delas se distanciam, preferindo seguir os mencionados autores. Assim faz, por exemplo, quando prescreve que uma referência bibliográfica contida em nota de rodapé deve indicar o nome de um autor em ordem direta,

pecando apenas por deixar insatisfeitos os leitores que gostariam de conhecer sua interpretação, sobre este ponto, da confusa e vacilante norma ABNT 10520.

O título da obra – “Metodologia do Trabalho Acadêmico” – dá ensejo a uma última observação. Salvo a passagem da página 11, que afirma que “O trabalho acadêmico está, evidentemente, vinculado à atividade científica”, o texto sempre se refere a trabalhos científicos. Uma obra didática, voltada às primeiras etapas da formação universitária, deveria esclarecer seus destinatários sobre as diferenças entre os trabalhos acadêmicos de natureza científica e aqueles elaborados a partir dos outros modelos de conhecimento construídos na Universidade, tão legítimos e freqüentes, porque humanos, quanto o conhecimento científico. Sendo tão promissor o primeiro livro dessa autora, creio que se podem aguardar tais esclarecimentos.

Paulo Moacir Godoy Pozzebon

Faculdade de Filosofia – PUC-Campinas

DUSSEL, Enrique. *L'éthique de la libération à l'ère de la mondialisation et de l'exclusion*. Préface de Joaquim Wilke. Coll. “Raison mondialisée”. Paris: L'Harmattan, 2002, 272 p.

Abrégée de l'édition espagnole de 1998, cette *Éthique*, traduite, de Dussel actualise sa conception (en cinq tomes) des années 1970. Son architectonique part d'un principe *matériel* (ou de contenu) absolument universel: “*le devoir de production et de reproduction de la vie de chaque sujet humain*” (p. 242). La société doit assurer le développement de chaque vie *humaine*, surtout des victimes du système économique. La vie est *critère de vérité pratique*. On s'élève du descriptif au normatif. Le principe *material* s'intègre dans un “*principe formel moral* ou principe de rationalité discursive pratico-intersubjective de l'accord” (p. 40), ce qui appelle un *critère intersubjectif de validité morale* et un *critère de faisabilité éthique* en vue d'effectuer le bien avec efficacité et rectitude en tenant compte de toutes les conditions. Une telle construction a requis une

critique des morales formelles (Kant, Rawls, Ape, Habermas). La seconde partie adopte le point de vue des victimes qui endurent dans leur corps l'impossibilité de vivre. Leur visage, dit Levinas, nous interpelle. La souffrance d'autrui sujet éthique, est un *critère de devoir* qui responsabilise. Fait décisif, les victimes commencent à s'approprier l'exercice de la *raison critico-discursive* en vue de transformer leurs conditions d'existence: *conscientisation* des exclus de la communication hégémonique qui s'unissent pour un jugement critique au nom du *Principe-Libération*. La rationalité de l'ouvrage s'accorde avec l'originale structuration de la raison avancée par le préfacier.

Jean-Marc GABAUDE

Université de Toulouse-le-Mirail – France

FLOUCAT, Yves. *L'intime fécondité de l'intelligence – Le verbe mental selon Saint Thomas d'Aquin*. Coll. "Croire et Savoir". Paris: Téqui, 2001, 176 p.

Auteur de nombreux ouvrages bien informés et rigoureusement construits, Floucat se montre avant tout comme un thomiste disciple de Jacques Maritain et un expert quant aux études thomasiennes et à l'idée de philosophie chrétienne. Il entend sauvegarder la doctrine thomiste en l'explicitant pour notre époque et en rectifiant les interprétations insuffisamment fidèles. L'enracinement historique du thomisme témoigne de la "valeur supratemporelle de ses fondements doctrinaux et de l'invariable actualité de leur vérité" (p. 12). La présente étude (parue dans la *Revue thomiste*), métaphysique et finalement théologique, souligne que Saint Thomas

approfondit sa noétique jusqu'à considérer le *verbe mental*, dans l'immanence de l'esprit, comme un pur relatif, "représentation créée la moins déficiente du Fils éternel et increé de Dieu" (p. 9). Pour la métaphysique thomasienne du jugement, une connaissance objective est relative à l'être extramental de la chose connue. Une telle intentionnalité *réaliste* permet de récuser la critique – qui se prétend postmoderne – de la représentation et de la rationalité métaphysique.

Jean-Marc Gabaude

Université de Toulouse-le-Mirail – France